

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO

Os Rs: Meio Ambiente e Arte Visual.



ISAAC
30

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAAALC/UFMS, 09/08/21

Edição:

Reflexões Vol. 3, No. 1, janeiro, 2022 – Os Rs: Meio Ambiente e Arte Visual.

Periodicidade: quinzenal

Campo Grande - MS

Capa: “Paisagem Incidental”, desenho sobre lâmina de alumínio reaproveitada de embalagem de refrigerante e oxidada, Isaac, 2020.

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

A questão de preservação do Meio Ambiente natural e do Desenvolvimento Sustentável entrou na pauta da comunidade científica e dos ativistas desde a década de 1960. A Primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, foi realizada em Estocolmo, na Suécia, em 1972 pela ONU. A Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas, entende por “desenvolvimento sustentável” o que é capaz de suprir as necessidades das futuras gerações respeitando e preservando o planeta.

Em 1987, a comissão da ONU apresentou o Relatório Brundtland - "Our Common Future" (Nosso Futuro Comum), defendendo um modelo de desenvolvimento socioeconômico com justiça social em harmonia com o Meio Ambiente. Em 1992, na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro, o conceito foi incorporado como um princípio orientador de ações chamado de Agenda 21, um compromisso das nações de agirem em cooperação e harmonia na busca do Desenvolvimento Sustentável.

A Declaração de Política de 2002 da Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável que ocorreu em Joanesburgo, África do Sul, define que ele só é possível se houver equilíbrio entre: desenvolvimento econômico, desenvolvimento social e proteção ambiental, sem isto o futuro do meio ambiente e a sobrevivência da vida no planeta terra estará comprometida. Embora tais colocações pareçam “apocalípticas”, não estão distantes quando se leva em conta que as catástrofes naturais estão cada vez mais frequentes e mais violentas, mesmo que alguns governos ignorem isto.

As Organizações Não-Governamentais (ONGs) surgiram a partir da década de 1960 com o WWF, "World Wildlife Fund", a primeira organização ambientalista mundial, criada em 1961, dedicada à defesa de espécies ameaçadas de extinção, de áreas virgens e ao apoio a educação ambiental. Em 1971, surge o Greenpeace, originalmente criado para impedir um teste nuclear na costa do Alasca, nos Estados Unidos, depois passou a ser o movimento ambientalista de maior projeção internacional em função de suas ações de confronto arriscadas que obtiveram visibilidade e mesmo o apoio da mídia de comunicação mundial.

Acredito que, até aqui, tenha possibilitado o entendimento da necessidade de conciliar Meio Ambiente e Desenvolvimento, desde que a apropriação e exploração do Ambiente ocorra por meio de ações Sustentáveis. Também devo ter sugerido que, nem todos os países, consideram tal relação importante ou necessária já que estão dispostos a esgotar as fontes naturais sem dó nem piedade. Por isto surgiram instituições internacionais para refletir, discutir e encontrar caminhos viáveis e as organizações não governamentais dedicadas a isto e também em confrontar o poder constituído e a exploração desenfreada da natureza.

Então, nas últimas décadas, têm surgido ações, manifestações e maior publicidade em torno das questões ambientais levando instituições governamentais e privadas a definirem projetos de conscientização sobre a preservação ambiental. Embora tais ações sejam ainda incipientes, já começam a mostrar alguns resultados, especialmente na conscientização das novas gerações que, de um modo ou de outro, admitem que é necessário mudar ou, pelo menos, têm consciência disto. Neste sentido a educação formal ou informal tem contribuído para isto.

No país, as diretrizes educacionais relativas ao meio ambiente estão consagradas na LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.795/99, que estabelece a presença da Educação Ambiental de forma articulada em todos os níveis e modalidades do processo educativo, respeitando suas diretrizes nacionais. Assim, tais diretrizes contemplam tanto a inserção destes valores no ensino fundamental e médio como também no ensino superior na medida em que a preparação docente em universidades, centros universitários e faculdades as incorporam aos seus projetos pedagógicos.

<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/ealegal.pdf>

Independente da eficiência de tais valores produzirem efeitos perceptíveis na sociedade por meio da conscientização da população e principalmente dos meios produtivos e empresariais, já é um começo. Nesta linha de “começo” é que destaquei a questão dos “Rs” na construção de um percurso para a conscientização da sociedade para as questões e problemas ambientais e vou ligá-los à Arte Visual no sentido de estimular a reflexão sobre tais problemas e como artistas, educadores e gestores desta área podem contribuir tanto para a produção quanto para a conscientização à respeito deles.

A política dos 3R's surgiu durante a Conferência da Terra, realizada no Rio de Janeiro em 1992, e no 5º Programa Europeu para o Ambiente e Desenvolvimento, realizado em 1993. Os 3R's consistem em ações e atos destinados a *Reduzir, Reutilizar e Reciclar* o descarte produzido pela sociedade.



A partir dali os Rs foram ampliados para 5Rs: *Repensar; Recusar; Reduzir; Reutilizar e Reciclar*. Mais tarde para 7Rs: *Repensar; Recusar; Reduzir; Reparar; Reintegrar; Reutilizar e Reciclar*. Enfim, com tantos Rs assim fica difícil “Recusar” tais proposições. Percebe-se que Repensar e Recusar se referem à conscientização e: Reduzir; Reparar; Reintegrar; Reutilizar e Reciclar se referem a ações decorrentes da consciência. Se a população e empresas adotarem tais medidas ou parte delas, já é um bom começo para delinear um futuro mais promissor para o planeta.

E o que a Arte Visual tem a ver com todos estes Rs?

Não se pode dizer “tudo”, mas boa parte da Pesquisa em Arte, destinada à produção e manifestações artísticas, pode ser desenvolvida considerando os princípios e pressupostos contidos nos Rs. Especialmente porquê a formação de produtores de Arte e de Arte Educadores é, em grande parte, de responsabilidade do Ensino Formal e principalmente do Ensino Superior. Assim não é impossível adotar condutas didático-pedagógicas que levem em consideração os fatores e aspectos como os que estão sendo aqui apontados.

Voltando ao passado é possível perceber que o nascimento da Arte Visual deve muito à natureza. Não seria possível para aqueles seres humanos produzirem as primeiras imagens se não se apropriassem dos recursos disponíveis no meio ambiente: fosse *in natura* ou transformados pela ação natural ou por eles próprios. Um galho de árvore podia servir para traçar linhas ou imagens no piso. Óxido de ferro poderia atuar como pigmento e misturado à gordura animal ou resina vegetal e virar tinta para colorir as paredes das cavernas ou seu próprio corpo.

Chumaços de palha, folhas, líquens podiam servir para aplicar suas “tintas” na superfície. Madeira carbonizada num incêndio eventual ou pelo fogo produzido por eles servia muito bem ao propósito de criar imagens na superfície das cavernas que visitava. Enfim, é possível encontrar várias relações entre os elementos disponíveis no meio ambiente e sua apropriação ou transformação em materiais destinados a configurar imagens e consolidar sua expressão e mesmo criar uma relação de caráter simbólico com o mundo. De um modo ou de outro, não seria possível que surgissem imagens sem o meio natural.

Ainda hoje é possível ver imagens traçadas à carvão na superfície rochosa das Cavernas ocupadas pelos seres humanos na Pré-História. São um testemunho tanto da capacidade cognitiva humana quando de sua habilidade em adaptar, transformar e reciclar matérias em materiais. Desde lá os “Rzinhos” já atuavam. A caverna de Chauvet na França mostra isto:



A chamada Arte Parietal, ou seja, realizada em paredes, ou Arte Rupestre, feita na rocha, são manifestações encontradas em várias partes do mundo, em todos os continentes, mais antigas ou menos antigas, mas em todos eles é possível verificar a necessidade que o ser humano tinha de criar imagens. Além daquelas confinadas na superfície da rocha das cavernas também realizavam imagens com maior “portabilidade”, por exemplo, as pequenas figuras femininas que cabiam na mão como as chamadas “Vênus”, nome usado como espécie de homenagem reversa, já que não tinham nada a ver com a Grécia.

Tais imagens eram realizadas em pedra, ossos ou madeira entalhadas ou esculpidas, supostamente, por meio do uso de lascas de pedra. Entalhe se refere a cavar uma superfície sem dar-lhe uma presença tridimensional, embora possa ser em baixo ou alto relevo. Esculpir significa entalhar a matéria a ponto de torna-la um objeto tridimensional:



Portanto apropriar-se e adaptar matérias oriundas do ambiente natural foi sempre um meio de obter “materiais”, “instrumentos” e “ferramentas” para a produção de imagens. Na medida em que a observação, experimentação, ou seja, a “pesquisa” de materiais se desenvolveu foi possível promover transformações mais eficientes como a modelagem e queima da argila transformando-a em objetos mais estáveis e capazes de conservar formas e cumprir funções práticas. O mesmo acontece com os metais como o uso do cobre combinado com estanho para obter uma liga metálica: o bronze. Mais tarde a obtenção do ferro.

Elementos orgânicos ou minerais sempre foram fontes de obtenção de “matéria prima” para o desenvolvimento de produtos que atendessem às necessidades emergentes das civilizações humanas ao longo do tempo e a Arte Visual não ficou fora disto. Da apropriação de meios para a transformação artesanal e depois em escala industrial foi o percurso imposto à maioria dos materiais artísticos originais. O surgimento de novos materiais produzidos em sistemas industriais e sintetizados artificialmente, também passaram a ocupar o campo da Arte Visual e aqui mora o perigo...

Não quero incitar uma campanha contra materiais industrializados já que muitos, apesar da produção em larga escala, ainda respeitam processos artesanais e até ecológicos, contudo não se pode ignorar que toda produção em escala industrial provoca malefícios ao meio ambiente se não tiver programas de controle, redução ou eliminação de danos. Por outro lado, mesmo que as indústrias de produção de material destinado à Arte Visual, respeitem o meio ambiente, isto não dispensa quem produz Arte ou quem lida com o ensino neste contexto, de se preocupar a necessidade de conscientização sobre tais questões e torna-las parte dos conteúdos de ensino.

Na melhor das hipóteses, artistas e educadores teriam a possibilidade de orientar suas ações criativas ou educacionais para reforçar a consciência sobre os riscos da exploração desenfreada dos recursos naturais e a ineficiência de políticas públicas de atuarem com mais efetividade neste contexto. Assim, também é de responsabilidade dos atores artísticos adotarem, seja em seus trabalhos ou no ensino, atitudes e orientações que possam minimizar ações deletérias contra o Meio Ambiente. É nisto que consiste grande parte da consciência ambiental.

Bem, a partir de agora vou adotar os 7Rs para organizar o restante do texto relacionando-os à questões da Arte Visual. Convém lembrar que os Rs surgiram para refletir à respeito do lixo, de tudo o que é descartado como dejetos do consumo: sejam restos de alimentos, embalagens, resíduos industriais, produtos e bens em desuso ou que não atendem mais aos fins para os quais foram produzidos cujo destino final é o ambiente. Nesse sentido, os dois conceitos que coloquei antes como de “conscientização” se referem a Repensar e Recusar. Repensar implica em refletir criticamente sobre o que se faz e as consequências para o meio.

A partir desta análise é possível assumir atitudes como a recusa de participar deste processo, ou seja, Recusar é um não agir, não colaborar, não adotar condutas aleatórias que prejudiquem o ambiente. Os demais Rs implicam em ações mais específicas e pontuais: Reduzir; Reparar; Reintegrar; Reutilizar e Reciclar. Reduzir o consumo reduz desperdício ou impede que excedentes sejam lançados ao lixo. Reparar implica em “curar” o meio, seja adotando comportamentos por meio do apoio a projetos ambientais como plantio de árvores, adoção ou controle de natalidade de animais abandonados.

Reintegrar o que foi retirado do meio, o replantio vegetal, fazer compostagem para alimentar a terra, são atitudes relativas a este conceito. Reutilizar é empregar coisas que seriam destinadas ao lixo e reaproveitá-las no cotidiano como usar recipientes, embalagens de vidro para outros fins que não os originais. Reciclar é o aproveitamento do material do qual o produto é feito como papel, vidro, metal, plástico que podem voltar ao estágio de matéria prima para serem refeitos para os mesmos ou outros fins, com isto reduz-se o prejuízo ao meio ambiente não enchendo lixões com coisas úteis...

Uma tendência adotada é o estímulo à Coleta Seletiva, processo de separação do lixo em categorias “coloridas”:
Azul: papéis e papelões;
Verde: vidros; **Vermelho**: plásticos; **Amarelo**: metais;
Marrom: resíduos orgânicos;
Preto: madeiras; Cinza: materiais não recicláveis;
Branco: lixos hospitalares.
Algumas cidades procedem desta maneira e há na coleta pública sistemas de captação e destinação deste lixo. No entanto, dadas as condições de precariedade e pobreza da população de baixa renda, é comum o surgimento dos “catadores”, ou seja uma subcategoria social.

Digo subcategoria como crítica às *sub-condições* de renda da população mais carente que, além de vítima do modelo econômico de concentração de renda, são relegados à periferia, sem teto, sem saúde e sem justiça social, neste caso optam por se tornarem coletores de lixo espontâneos para angariar meios para sua subsistência. Esta é uma distorção econômica que faz surgir até mesmo Associações de Catadores estimuladas por empresas que, ao contrário de recolher o que lançam no meio ambiente, obliteram sua responsabilidade atribuindo a outrem, em geral, pessoas em situação de risco aumentando o risco de sua sobrevivência.

Mazelas à parte, pode-se partir destas informações e identificar alguns Rs aplicáveis aos processos artísticos bem como ao ensino nesta área sem peso na consciência. Pode-se destacar aqui, pelo menos, duas possibilidades: uma é preservar os processos de produção de materiais artísticos a partir do que é possível obter diretamente da natureza, assim como se fazia desde os primeiros momentos da humanidade e outro é o de se apropriar de materiais descartados ou descartáveis na sociedade urbana atual como base, recurso, reaproveitamento ou aplicação em obras ou manifestações artísticas.

A principal atitude para pensar processos artísticos mais conscientes é evitar o uso de materiais originários de bases poluentes, como o petróleo, por exemplo. Atitude como esta já cobriria uma gama imensa de produtos como tintas acrílicas, plastilinas e instrumentos como pincéis, espátulas e recipientes que usam plásticos termo moldáveis em sua produção. Não quero, em absoluto, condenar todo e qualquer uso de materiais de origem não orgânica ou mineral, mas alertar para os processos, origem e obtenção de matérias primas, principalmente como proceder para o descarte e/ou preservação de tudo isto.

A questão da toxidade, durante muito tempo, foi um problema para pintura e muitos artistas pereceram por conta disto. Sabe-se que a indústria de tintas é altamente poluente, como a indústria têxtil entre outras tantas, contudo, quando se trata do descarte de subprodutos, nem sempre os cuidados necessários são tomados, enfim, é preciso “ler a bula”, ou seja, estar atento para o uso e desuso e do risco que isto envolve em relação ao ambiente a partir de processos de produção/criação artística, como em todas as áreas que recorrem ao uso de materiais de origem industrial, é necessário pensar nisto.

Bem, voltando à primeira possibilidade, a de preservar os processos de produção de materiais artísticos a partir da natureza, é possível relacionar algumas fontes de materiais viáveis como meios para produção artística: uma das mais antigas delas é o carvão. Os ramos vegetais queimados foram usados, desde sempre, como recurso para a elaboração de imagens, portanto, ainda hoje se usa o *Fusain - Carvão* como recurso de criação. O processo de obtenção deste material é simples, basta juntar um feixe de gravetos secos e relativamente finos, colocá-los em uma lata com alguns furos na tampa, submeter ao fogo e *voilà*, viram *fusain*...

Pode-se obter pigmentos para a preparação de tintas a partir de minerais ou vegetais, é o que fizeram os seres humanos a partir da Pré-História e isto chegou até hoje. Óxido de Ferro e Ocre eram pigmentos comuns desde os primeiros tempos. São obtidos de minerais comuns no ambiente e dão coloração à terra. Quanto mais óxido de ferro mais vermelha a terra, logo, é possível se apropriar da terra ou de argila para colorir superfícies e imagens. Os sambaquis, depósitos de conchas em orlas marítimas, também serviram como cal para proteger superfícies e criar imagens em pinturas.

Pedaços de rochas, madeira e argila também foram usados para produzir objetos e figuras por meio do entalhe, escultura e modelagem. A dupla de bisões modelados em argila encontrados na caverna de Tuc D'Audoubert, na França, demonstra a habilidade no uso deste material. A argila seca e queimada se torna biscuit ou cerâmica.



A apropriação de árvores queimadas por Franz Krajcberg, atesta a possibilidade do uso deste material como recurso estético e, ao mesmo tempo, político na medida em que recorre a ele para promover denúncias de depredação ambiental, uma de suas atividades mais contundentes em relação à produção artística.

A produção Vernacular relacionada à construção ou à criação artística é um fator relevante para reforçar a linha de raciocínio adotada neste texto. Vários grupamentos e civilizações, ao usarem os recursos ambientais em seu benefício como a elaboração de abrigos, construções e mesmo Obras de Arte ajudaram a definir esta tendência conceitual. Um exemplo disso é a Arquitetura Vernacular, desenvolvida a partir de materiais locais e dentro da tradição cultural. Exemplos deste tipo de edificação é comum no mundo todo. É interessante notar que este processo se baseia no que está disponível no meio ambiente:



Acima, uma Oca indígena Kamaiurá, no Brasil feita com galhos e palha. Abaixo casas Tataouine, na Tunísia, feitas com barro.



A questão da vernacularidade perpassa tanto as construções quanto a produção de objetos vinculados ao uso cotidiano e à funcionalidade como a cestaria indígena de geometria complexa.



Ou as peças modeladas da cultura Karajá, do Tocantins, que revelam apurado aspecto estético:



Mesmo no ambiente urbano encontram-se manifestações que se apropriam daquilo que para muitos não tem qualquer importância, mas para alguns é essencial para definir seu espaço e sua personalidade. A “*Casa da Flor*” construída por Gabriel Joaquim dos Santos (1892-1986), filho de indígena e de ex-escravos construiu sua casa com material descartado, hoje patrimônio Fluminense:



Como se viu o caminho de se apropriar de materiais descartados ou descartáveis como fez Gabriel Joaquim dos Santos, é um recurso válido no contexto contemporâneo como já haviam indicado os Dadaístas. Há uma quantidade imensa de materiais descartáveis disponíveis e de alta qualidade que podem servir de base ou de material construtivo para Obras de Arte em diferentes frentes de criação. Não se pode ignorar papéis, papelões e cartonados usados em embalagens que resistem a umidade, tensão e peso. Materiais resistentes, produzidos especificamente para Arte, são caros.

Logo não há nenhum problema em se apropriar de materiais que podem suportar ou amparar manifestações visuais gráficas, pictóricas ou construções e montagens sem preconceito. Muitos artistas têm usado este recurso como tema ou ativismo ambiental. Não se pode confundir a questão da produção artística com a produção de artesanato com apropriação de materiais descartáveis. Isto é muito comum e muitas vezes se confundem. Transformar uma garrafa pet num vaso nem sempre se configura como Arte, do mesmo modo que fazer um colar com tampas de garrafa não é joia. Deve haver uma sintonia entre *Conceito* e destino ou fim.



“Lince” de Artur Bordalo, artista português que se dedica a transformar dejetos industriais em Obras de Arte.



O Artista mexicano Alejandro Durán, é um ativista que trabalha com Instalações, Intervenções e Fotografia. Interfere no meio ambiente com objetos de origem industrial para chamar a atenção para a depredação ambiental. Cria cenários substituindo elementos naturais por objetos e fotografa esta contradição.

Tomar consciência é mais do que mediatizar uma situação. Por exemplo, o documentário “*Lixo Extraordinário*”, desenvolvido a partir do registro do trabalho do artista plástico Vik Muniz no Jardim Gramacho, maior aterro sanitário da América Latina, localizado na cidade de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Nele o trabalho é realizado a partir do material obtido do lixão e formatado com a participação de membros da comunidade encenando pinturas de artistas famosos. O processo consistia em organizar as cenas num galpão e fotografá-las, ai sim, se transformavam em “obras de arte” e passaram a ser veiculadas na mídia.

O trabalho é meritório, uma tentativa de dar dignidade àquelas pessoas que vivem à margem da sociedade. Contudo, mesmo o documentário tendo sido indicado ao Oscar, tanto o material quanto as pessoas voltavam às condições precárias em que viviam, mesmo tendo alguma visibilidade social, isto não mudou suas condições econômicas, tampouco as resgatou da desassistência típica da periferia da civilização.





O artista inglês, Antony Cragg usa materiais descartados para a produção de suas obras.



O projeto: “*A Recycled Art Gallery*”, de Susan Stockwell se propõe a desenvolver obras a partir de peças de computadores e periféricos fora de uso. O interessante é que suas obras desaparecem depois das exposições, ou seja, são destinadas à reciclagem.

Dentro desta tendência encontram-se também artistas que se dispõem a buscar meios e processos que não usam materiais convencionais, mas outros que podem ser obtidos a partir de produtos disponíveis para o consumo cotidiano, sejam destinados a funções técnicas, de limpeza ou à culinária. Este é um nicho bastante interessante e, por meio dele, é possível ampliar o espectro de produção artísticas aproveitando o que já está disponível nos supermercados. No mínimo esta é uma estratégia que subverte a concepção de que para se fazer Obras de Arte deve-se usar materiais artísticos, o que nem sempre é necessário.

Não se pode dizer que as Obras de Arte dependam exclusivamente de materiais nobres e caso não sejam feitas com eles, perdem valor. A concepção de que é necessário produzir obras com materiais resistentes que sejam duráveis, quase que permanentes, já foi superada há muito, desde os primeiros momentos do Modernismo. A transitoriedade, impermanência e instabilidade que muitos artistas impuseram às suas obras, já deram o tom da contemporaneidade, portanto, importa mais a *duratividade* da proposição do que a *durabilidade* dos objetos ou configurações artísticas.



Não se pode ignorar as “Esculturas Planas” de Pablo Picasso, recortadas e dobradas em papelão, mostradas pelo MOMA, em 2015, tampouco “O Touro”, 1958, construído com madeira compensada, galhos de árvore, pregos e parafusos, nem as “Guitarras” realizada com papelão descartado e colagens, entre 1912-1919. Experimentalismo e aproveitamento de materiais é uma característica de seus trabalhos.

O Reuso, Recuperação, Reaproveitamento e mesmo Reciclagem se tornou um meio de apropriação e de desprendimento dando vida a um movimento que surgiu na Itália, por volta da década de 1960: a *Arte Povera*, nomeada pelo crítico e curador Germano Celant em referência aos artistas que passaram a usar materiais não convencionais como areia, madeira, sacos, jornais, cordas, feltro, terra e trapos. Este “empobrecimento” passou a ser uma atitude estético-política até os anos 1970, mobilizando vários artistas na Europa e no mundo todo. A meu ver foi o movimento que mais se aproximou dos “Rs”...



Pino Pascali, *Gruppo di Attrezzi agricoli*, 1968 realizado com madeira, ferro, madeira, rafia. Abaixo, Marisa Merz, montagem com argila crua e folha de estanho.





El Anatsui, artista de Gana, realiza a Exposição: *Gravity and Grace* no Brooklyn Museum, em 2013. As obras são produzidas a partir de materiais recuperados do meio ambiente para realização de suas obras.



Um dos artistas que opera a partir de materiais coletados é o alemão Anselm Kiefer. Seus trabalhos estão na fronteira entre pinturas, esculturas, instalações e intervenções. Utiliza tintas, palha, cinza, argila, metais entre outros recursos apropriados do meio ou de descarte.



Hoje em dia há também uma tendência interessante que busca soluções técnicas ou estéticas a partir de materiais e produtos disponíveis no cotidiano. A Xilogravura, por exemplo, sempre foi um dos meios mais utilizados por artistas populares justamente por ser fácil obter material para produção de matrizes e cópias. Um pedaço de madeira é capaz de suportar uma matriz em relevo, ser entintada e copiada com muita facilidade.

A Xilogravura de J. Borges, ao lado, mostra esta possibilidade.



Este processo foi adaptado para placas de Linóleo, antigamente utilizadas para revestimento de pisos, uma das primeiras adaptações de material para outra finalidade. Hoje em dia há quem use placas de poliestireno, conhecido aqui por isopor. Outros usam tetraplac, papelão cartonado revestido de poliestireno e alumínio, usado em embalagens longa vida, para produzir matrizes de gravura por incisão, semelhante às realizadas por meio de Ponta Seca. Ainda há quem faça Algrafias ou Aluminografias, impressão similar à litografia, com matrizes de alumínio.

A questão da educação ambiental é complexa na medida em que não há ainda consciência ambiental consolidada. O ensino que deveria cumprir esta função é tão precário que não consegue intensificar o pensamento e as ações nesta área. Os processos de Coleta Seletiva também têm dificuldades para serem implantados, difundidos ou implementados em todas as regiões do país. O que se vê ainda são os Lixões e Aterros Sanitários abarrotados de lixo. Não há aproveitamento ou tratamento, ao fim e ao cabo o meio ambiente continua sendo torturado e condenado à morte.

Não se pode dizer que não existam ou não tenham sucesso algumas empresas privadas ou públicas na empreitada de gerir a coleta e destinação do lixo industrial ou urbano, entretanto isto contrasta com o que se vê nas ruas, nos rios, no mar que denunciam muito mais do que diz qualquer campanha... Portanto é necessário investir na Educação Ambiental e em projetos de conscientização.

A motivação desta Reflexão é acreditar no potencial da Arte Visual e nos Rs como potencial para mudanças já que:

Em Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma.